

O Pingente

Ela levantou o pingente na tentativa de que a luz do sol revelasse uma pista, um código escondido ou uma inscrição que a fizesse entender o porquê daqueles homens hostis desejarem tanto colocar suas mãos no pequeno e reluzente objeto. Constatou que não havia nada de especial ou fora do comum e guardou-o na bolsa tão rapidamente quanto retirou. Olhou em volta e aliviou-se por ter conseguido despistar seus perseguidores, pelo menos por enquanto. Seguiu para a igreja, onde pensava encontrar qualquer conexão, por mais simples que fosse, com o pingente.

Quando Ângela entrou, os fiéis procuravam onde se sentarem. A missa daquela manhã ainda não havia começado. Procurou e encontrou um lugar vago para se misturar e tentar se esconder. Sentou-se ao lado de um idoso e de uma senhora, que rezava um terço pacientemente. “Reze pra mim, Dona”, pensou. O altar estava repleto de enfeites. A cidade celebrava, uma vez por ano, a padroeira da cidade, Santa Rita de Cássia, da qual herdou o nome, Santa Rita de Ouro Preto. Estava frio, mas a adrenalina correndo nas veias de Ângela a fazia suar pela testa. Uma terrível sensação de estar sendo espremida acometeu-a à medida que os fiéis lotavam a igreja. Espremeu os lábios e virou-se para trás. Seus olhos procuravam os homens que a perseguiam, mas a visibilidade estava cada vez mais comprometida pela massa de homens, mulheres e crianças que entravam no local. Levantou-se e verificou as saídas laterais. Nem sinal dos seus perseguidores. Sua chance de escapar era aquela. Tinha que aproveitar.

Na saída lateral, Ângela olhou novamente em volta para ver se o caminho estava livre. Havia uma escadaria à direita, que levava para uma ladeira de pedras. Esperou para misturar-se à multidão e saiu, atenta aos flancos. Desceu pela escada e olhou para trás. Não viu ninguém e continuou. Lá embaixo, decidiu ir para a esquerda pois a ladeira à sua direita tinha poucos transeuntes. Queria se misturar, passar despercebida. Juntou-se novamente à massa de fiéis e seguiu por um estreito caminho, onde barraquinhas minúsculas de ambulantes jogavam os passantes uns contra os outros, roubando a maior parte da rua. Com dificuldade, a jovem de cabelos compridos e tratado com luzes conseguiu chegar ao outro lado. O sol da manhã refletiu em sua pele clara, mas Ângela nem se deu conta daquela suave sensação. Seus sentidos voltaram-se completamente para o homem que a observava a distância. “Droga!”, praguejou ela em voz baixa. Virou-se rapidamente quando o seu perseguidor deu o primeiro passo em direção a ela. Desta vez não foi tão educada e os transeuntes fuzilavam-na com olhares de repreensão por conta de sua falta de educação. Saindo da massa, parou em frente à escada por alguns instantes, mas decidiu descer a ladeira. Voltar para a igreja poderia ser um erro e não arriscou.

Sem olhar para trás, Ângela desceu. As pedras da calçada da ladeira impediam-na de apertar o passo. Entretanto, não precisaria apressar-se por muito tempo. Um dos seus perseguidores encarava-a do outro lado da rua, como um predador encurralando sua presa, apenas esperando o momento certo para atacar. Nesse momento, ela viu uma oportunidade. Um banheiro público. A jovem sabia que não poderia fugir mas ali dentro poderia ter alguns minutos para pensar no que fazer. Um pensamento invadiu sua mente. Percebera que tinha mais sangue frio do que imaginava. Qualquer um naquela situação teria surtado. Ela não. Sabia que não podia confiar em qualquer um e pedir ajuda para um estranho poderia complicar ainda mais sua situação. “Onde está a polícia quando você precisa dela?”, resmungou ela, entrando em uma das repartições do banheiro público. O cheiro forte de urina impregnava o lugar, mas Ângela nem se deu conta do problema. “Sem bateria no celular também”, reclamou, guardando o aparelho no bolso do casaco. Enfiou a mão na bolsa e retirou de lá o pingente. “O que você tem de tão especial?”, perguntou ela ao pequeno objeto na esperança do mesmo responder. Apertou-o com força e decidiu colocá-lo no outro bolso do casaco. Resolveu abandonar a bolsa, pois teria mais liberdade para movimentar-se com maior rapidez, se fosse necessário.

Ficou ali uns dez minutos e sempre que batiam na porta de seu compartimento, pensava que era o fim. A jovem sabia que não podia ficar ali para sempre, mas não sabia o que a esperava do lado de fora. Subitamente, começou a ouvir gritos vindos da rua. Apertou os olhos como se fosse ouvir melhor fazendo o gesto e percebeu que era uma briga. Uma mulher gritava com um vendedor e ele respondia à altura. “Essa é a minha deixa!”, alegrou-se, esboçando um sorriso nos lábios. Saiu de lá tão rapidamente que acabou tropeçando. Apoiou-se na parede para equilibrar-se e ficou novamente de pé. Aproximou-se lentamente da porta de entrada do banheiro público e espiou pela fresta. Uma pequena multidão de curiosos formou-se em volta da barraca para acompanhar a discussão e Ângela viu sua oportunidade para escapar. Saiu sorrateiramente e levemente abaixada. Olhou para o lado direito da rua e lá estava um dos seus perseguidores, de pé, no mesmo lugar. Virou-se para a sua esquerda e animou-se. Nenhum sinal do outro homem. Subiu rapidamente a ladeira e resolveu seguir pela escada da qual viera. Lá em cima, olhou em volta e não viu nenhum dos dois homens em seu encaço. Resolveu que seria mais seguro passar por dentro da igreja e seguiu pela entrada lateral. Atravessou a nave e chegando na entrada oposta, parou mais uma vez para ver se tinha o caminho livre. Ângela pensou em misturar-se à massa novamente na rua principal da cidade, mas achou arriscado, pois não teria uma visão completa do que ocorria em sua volta. Nesse momento, viu uma rua que subia, à esquerda da entrada da Paróquia de Santa Rita de Cássia. Subiria por ali. Saiu em disparada. O caminho da entrada lateral até a entrada principal parecia ter centenas de metros de distância naquela situação. Chegando ao portão, avistou um de seus perseguidores no meio da multidão. Apertou o passo e subiu a ladeira. Virou-se e percebeu que os dois homens perseguiam-na novamente. “Ali”, pensou ela ao ver uma pequena loja de artesanatos. Correu para a entrada.

Lá dentro, várias estantes com inúmeras peças de artesanato distribuíam-se de maneira ordenada pelo local. Resolveu ir para o fundo da loja, sempre olhando

para trás. De repente, avistou um homem ao fundo e resolveu aproximar. Tinha que arriscar. Tinha que pedir ajuda. Não havia outra saída. O homem, grisalho e de semblante firme virou-se ao ouvir os passos da jovem. Ele a saudou:

– Olá, seja bem-vinda! Posso ajudar?

– Posso usar o telefone do senhor? – perguntou Ângela, ofegante. – É urgente e meu celular acabou a bateria!

Na confusão, ela havia esquecido de retirar o dinheiro da bolsa. Torcia para o homem não cobrar pela chamada.

– É ligação local ou interurbano? – perguntou ele, aproximando-se dela. Ângela recuou, instintivamente e responde:

– É local. Vou ligar para o meu namorado.

O homem parou onde estava e virou-se para o telefone. Em seguida, voltou-se novamente para a jovem e disse:

– Deixo você usar o telefone se me falar sobre o pingente que você tem em seu poder.

Terror nos olhos de Ângela. Ela estacou, ficou petrificada por breves instantes que parecia uma eternidade. Levou as mãos à boca, num gesto claro de desespero e medo. O homem grisalho continuou a falar:

– Sim, eu sei sobre ele – afirmou, aproximando dela novamente. Afagou os cabelos com as mãos e sorriu. – Se eu soubesse que viria até mim tão facilmente, não teria chamado aqueles dois brutamontes.

Ângela engoliu seco e virou-se lentamente. Seus dois perseguidores estavam na porta da loja, imóveis, como uma muralha. Ela estava cercada. Olhou em volta procurando qualquer meio de fuga, mas havia apenas uma janela fechada de madeira e uma entrada nos fundos da loja, atrás de um balcão de vidro. E o homem grisalho bloqueava seu caminho.

“É o fim pra mim”, conformou-se a jovem.

– Moça, entregue o pingente, por favor – ordenou o homem, com voz baixa e grave. – Infelizmente a pessoa que o trazia para nós acabou perdendo-o e tivemos que obrigá-la a lembrar-se de todos os seus passos até chegar no banheiro daquele restaurante. Posso dizer que tal pessoa não vai mais nos causar nenhum transtorno.

Aquelas últimas palavras consolidaram os temores de Ângela. Sabia que não sairia viva dali. Só restava esperar por um milagre ou pelo seu fim.

– Moça, estou começando a perder minha pa...

Algo interrompeu-o. A jovem de cabelos compridos ouviu uma discussão iniciar-se na porta da loja. Uma senhora queria entrar e exigia que os dois homens parados na entrada a deixassem passar. Uma chuva leve começou a cair. O homem grisalho olhou pela janela e viu que a confusão começava a chamar uma atenção indesejada para sua loja e que se passava ali. Subitamente, sentiu um baque. Tropeçou e caiu. Ângela empurrou-o e disparou em direção a saída dos fundos. Entrou e fechou a porta atrás de si. Lá dentro, viu outra porta. Aproximou-se rapidamente e abriu-a. Era o quintal. Avistou um muro de placas e correu em direção a ele. Procurou um local mais baixo, pendurou-se e subiu. Do outro lado, outro quintal. Pulou e procurou uma saída. Viu um portão do lado oposto e torceu para conseguir chegar lá antes dos seus perseguidores, que já estavam atrás dela.

Lá fora, Ângela percebeu que estava de volta na rua que circundava a igreja. Não pensou duas vezes e desta vez, misturou-se à multidão. Não gostava da ideia, no entanto. Imaginava uma ou mais mãos agarrando-a à força e selando seu destino. Afastou o pensamento. Olhou para trás e viu seus dois perseguidores aproximando-se. A chuva apertou e os populares começaram a procurar abrigo, um lugar para não se molharem. “Não, agora não!”, implorava Ângela à medida que seus escudo humano ia desfazendo-se.

Quando virou-se novamente para trás, viu um dos homens acenando para alguém. A jovem voltou-se para frente e parou subitamente. Um policial militar devolveia o gesto e olhava fixamente para ela. Ângela abaixou a cabeça, sacudiu-a, mostrando sua desistência, admitindo sua derrota. Nesse momento, veio a ideia. Ouviu um barulho que chamou sua atenção. O som vinha de um bueiro. Água correndo. Aproximou-se e se abaixou. Viu que a água da correnteza descia em velocidade. Seus dois perseguidores e o policial começaram a aproximar-se. A jovem levantou-se, colocou a mão no bolso esquerdo e tirou. Ergueu o braço com o punho fechado e deixou-o pairando sobre o bueiro. Seus perseguidores detiveram-se imediatamente. Mal sabiam eles que o punho cerrado de Ângela estava vazio. Ao colocar a mão no bolso, ela percebeu que havia perdido o pingente, provavelmente quando tropeçara no banheiro público.